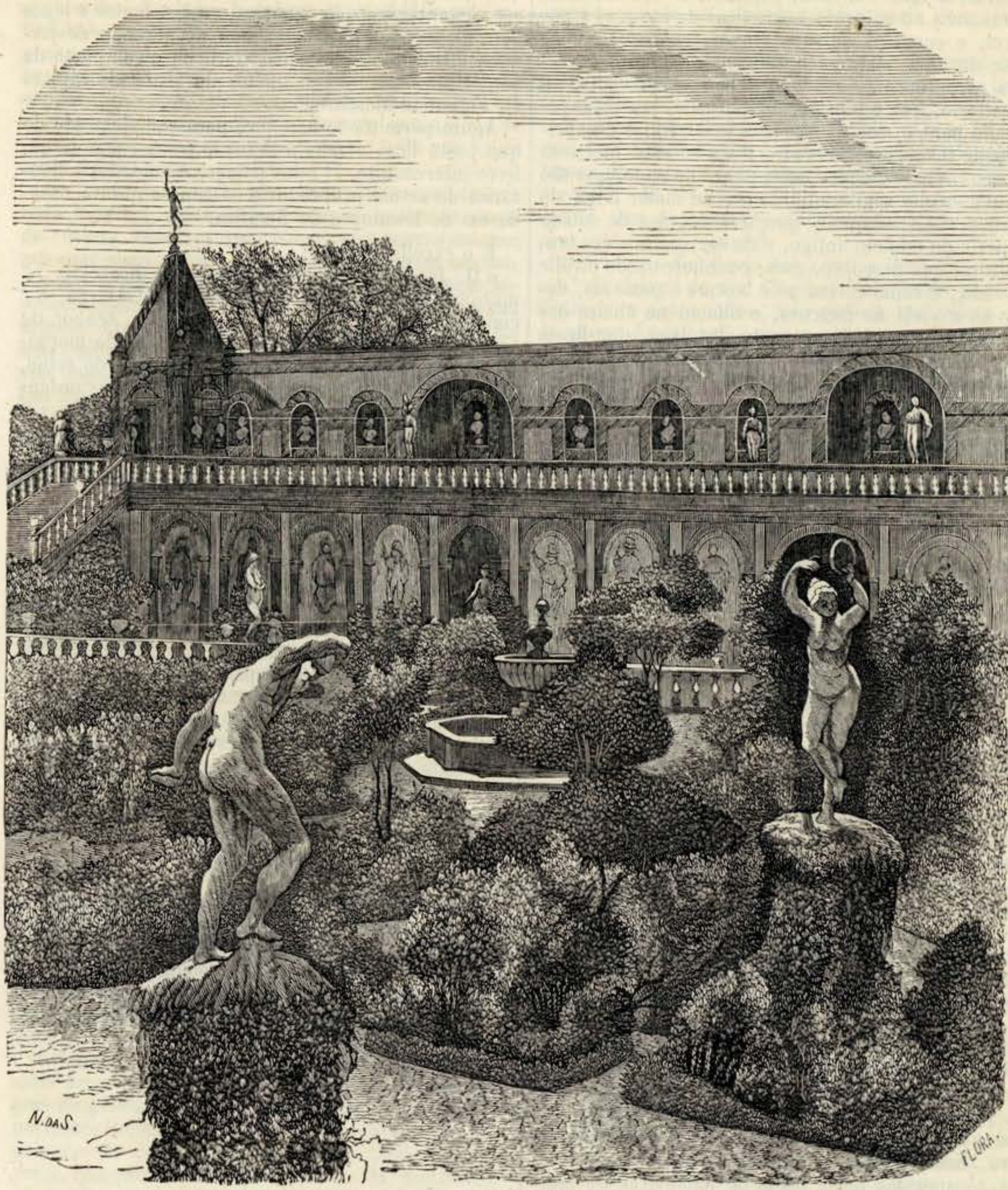


Quinta dos srs. marquezes de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

Temos tido occasião de notar que os arredores da nossa capital são poeticos e magestosos. Mais uma vez observaremos isto, se, partindo para Séte Rios, quer tomando a estrada que vae de S. Sebastião da Pedreira, quer seguindo pela estrada de Campolide, nos dirigirmos por Santo Antonio da Convalescença acima, e entrarmos no caminho que fica á esquerda, a que chamam os « Travassos », e corre ao poente. A uma legoa será de Lisboa, e « como escondido, mais adiante, do contacto de povoações, se nos apresenta um vallesinho, que, por frescura de fontes, alegria de arvores e amenidade de terreno, mereceu, naturalmente, o nome de *Bemfica*. »

Aqui, onde até ao seculo XIV estiveram os paços reaes, um frei, que, segundo alguns auctores de boa nota, era homem de sãs virtudes e de largos conhecimentos, e com o auxilio valioso de João das Regras, ou Aregas, para com el-rei D. João I, que lh'os doou, estabeleceu com mais outros, o mosteiro da ordem de S. Domingos, que ao depois serviu de abrigo a muito varão illustre. E é este mosteiro exactamente que se encontra logo á entrada do valle, mas em ruinas quasi, porque um incendio, que esteve a ponto de devoral-o em 1818, lhe fez grandes estragos.

Frei Luiz de Souza descrevendo, na sua *Historia de S. Domingos*, o convento de Bemfica, suas officinas, e o sitio em que assentam, diz: « ... Na ladeira do monte maior, está situado o convento, e d'ella se estende com sua cerca até ir beber no rio. De

uma e outra parte correm quintas, que cercam os outeiros, e valle em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural: todas ricas de bosques e pomares, e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantém o valle uma frescura e verdura perpetua.» ([1]) E logo depois, referindo-se ao dormitorio, que o tem por mal situado, por estar inclinado para o rio, de que nasce ser frio e desabrigado de inverno, escreve: «Paga-se este mal com algumas commodidades no restante do anno, que são viver-se n'elle sem sentir calma na maior força do estio, e não tendo mais que tres degráos de subida da parte do edificio antigo, e da egreja, fica em tanta altura, que descobre, goza, e senhorea todo o valle em roda; e como cortou pelo bosque e pomares, deleita-se a vista na frescura, o olfacto no cheiro das larangeiras, o ouvido no canto das aves, que ficam tão visinhas, que ás vezes se afigura, ou serem hospedes os rouxinoes, ou quererem fazer officio de despertadores com os religiosos para os louvores divinos.» ([2])

Não temos intenção de descrever o convento; diremos de passagem que n'elle houve muitas reliquias, que alli se admiraram por muitos annos desde a sua fundação em 1399, do que a velha egreja ainda dá uma prova hoje, e os incredulos podem sabel-o percorrendo aquellas paginas portuguezissimas de frei Luiz de Souza, onde, a par da imaginação exaltada e phantastica do poeta, existe a singeleza e a verdade do historiador. A mostra démos com referencia ao sitio, que encerra as cinzas de João das Regras, e de extremados cavalleiros, como D. João de Castro, cujos jazigos são especiaes, e chamam a attenção dos viajantes pela sumptuosidade e riqueza do lavor.

Passando o convento, encontra-se a propriedade da infanta D. Isabel Maria, e na frente sobresáe o esplendido palacio dos srs. marquezes de Fronteira. Vimos a belleza do valle; façamos idéa de que este palacio tem encantos aos milhares, e teremos em Bemfica a melhor e mais deliciosa vivenda de Portugal. Na quinta dos srs. marquezes de Fronteira ha que ver e admirar logo, desde a entrada, que é um vistoso portico. Franqueando este, achâmo-nos n'um pateo quadrado, para onde tem vista uma das fachadas do elegante palacio. Estatuas numerosas, fontes de marmore, formosissimos lagos, e arvoredo esplendido, dão ao jardim uma magnificencia difficil de se encontrar; sobretudo quando soubermos que no fundo do jardim principal ha uma peça notavel por muitos respeitos. É a *varanda dos reis*, da qual intentámos copiar a riqueza e a elegancia em a nossa gravura. Esta varanda é formada de duas largas escadas guarnecidas pelos lados de balaustres de marmore, a que servem de remate dois vistosos pavilhões com cupula pyramidal. Na parede da varanda estão mettidos, como em nichos, bustos dos reis portuguezes até D. João VI, trabalhados em marmore. Na sua base, e entre as escadas, ha um vasto tanque com estatuas e repuxos, e em cujas aguas se vêem brincar, em fórmas seductoras e caprichosas, alvissimos cysnes. A frente da varanda tambem tem balaustrada de estatuas de marmore, e no fundo abriram-lhe amplas grutas.

Seguindo pela esquerda, acha-se o terreno cercado de balaustres rematados por diversas pyramides, tudo de marmore; no centro ergue-se uma fonte de duas bicas, ficando-lhe aos lados assentos de pedra, e em volta, frondoso arvoredo. D'aqui se vae por lameda ajardinada para a residencia da infanta.

Na quinta dos srs. marquezes de Fronteira, além das bellezas que bosquejámos, muitas outras se encontram; grande cascata que deita para um rio, bosques peregrinos, variadas collecções de flores, viveiros elegantissimos de canarios e rolas, fontes e lagos de mui diversas fórmas, primor no desenho de jardins, e trabalho de estatuas, formam o conjuncto da magestosa habitação dos netos do abalisado capitão D. Fernando Mascarenhas.

([1]) Part. II da *H. de S. Dom.* — liv. 2.°, cap. 1.°, pag. 92.
([2]) Idem — pag. 97.

Agora permitta-se-nos que, para complemento do que posto fica, dêmos a noticia, transcripta de um livro interessante, ([1]) dos nomes, dignidades e honrarias do actual proprietario da famosa quinta situada em S. Domingos de Bemfica.

É o excellentissimo:

«D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, 7.° marquez de Fronteira, 5.° marquez de Alorna, 8.° conde da Torre, 7.° conde de Assumar, senhor de Cucolina e Verodá na India, 13.° senhor do morgado da Gocharia, védor da casa real, par do reino, marechal de campo reformado, grão-cruz das ordens militares da Torre e Espada, Christo, e Isabel a catholica de Hespanha; que nasceu a 4 de janeiro de 1802, e casou a 14 de fevereiro de 1821 com D. Maria Constança da Camara, dama da ordem de Santa Isabel, nascida a 14 de julho de 1801.»

Mais uma cousa. Era costume mui remoto, e ha ainda ahi quem se lembre de suas demasias, fazer-se em S. Domingos uma feira no mez de maio. Ao principio foi romaria, ao depois passou a curiosidade, e, a final, morreu em desuso.

Então a concurrencia era grande. Estrada abaixo, estrada acima, convergiam para o largo e para o convento grupos vistosos pelas cores do vestuario; alegres pela vermelhidão das faces; satisfeitos pelos cantares entoados aos seus amores, ás suas esperanças, e ás suas crenças; religiosos pelo recolhimento de postura e ademanes. Eram impellidos por uma idéa — a adoração de um santo milagreiro. Iam alli rogar-lhe alguma cousa na esperança de serem attendidos. Não faltavam as promessas para o bom exito da invocação.

Da romaria não ha nada hoje; da feira uma recordação apenas. Estamos certos, todavia, que da pouca gente que alli concorre, a maioria vae com o intuito de se aproveitar do deleite da estação em similhante sitio, e do regalo que lhe offerece a quinta, acima esboçada, que por taes tempos é a todos franca.

BRITO ARANHA.

PROVERBIOS.

I.

AMOR PÓDE MUITO, O DINHEIRO TUDO.

I.

Vae já em cinco annos que fizemos conhecimento com a encantadora creatura que vamos agora apresentar aos leitores. Forcejemos para riscar da memoria as mudanças que o tempo lhe imprimiu na physionomia moral, e para a mostrarmos qual então a viramos, rica, não das joias que hoje a adornam, mas dos esplendores da juventude, dos encantos da innocencia, da meiga e suave sympathia do amor.

Margarida recebêra do Creador todas as graças na-

([1]) *Almanach de Portugal.*

turaes de que a mulher se póde ufanar. Era alta, airosa e delicada como as visões formosissimas dos sonhos de felicidade. A cabeça era moldada pela severidade de linhas da arte antiga; o collo, fino e gracioso como o do cysne. As feições, de rara belleza, tinham o encanto irresistivel da innocencia e da candura que abertamente revelavam. Era este até o segredo das suas seducções. Parecia que a alma se lia no rosto, que era a expressão de tudo que ha de mais nobre, puro e virtuoso.

No mais, era ainda Margarida a creatura fadada para merecer, entre as formosas, a brilhante coroa da realeza. Os olhos que reflectiam a pureza do ceo, nos dias mais amenos de primavera, tinham um brilho tão sereno e tão meigo, como se andassem sómente enamorados dos anjos, d'onde provinha a sua origem. Quando os volvia para a terra era com tal olhar de piedade, que parecia chorar as tristes miserias que a cercavam, e que os dotes do seu coração lhe faziam não receiar.

Quando pela primeira vez vi Margarida, era no campo e na primavera. O acaso tinha disposto o mais bem combinado effeito de luz, e todos os accessorios do quadro, em que havia de brilhar aquella esplendida figura. O sitio era encantador, e a hora em que uma amiga de Margarida m'a apresentou era de todas a mais poetica que tem o dia, era a melancholica e saudosa hora do pôr do sol.

A surpreza foi completa. Ao contemplar a rara belleza de Margarida, no meio dos campos que começavam a florir, e que rescendiam suavissimos aromas; vendo-lhe as faces allumiadas pelos ultimos raios do sol, que desapparecia no horisonte; ouvindo-lhe a voz que se casava com as ternas melodias dos emplumados cantores; era impossivel não ficar na incerteza de que tão formosa apparição pertencesse realmente ao mundo em que vivemos.

Margarida, porém, não percebeu a impressão que causou. Com affavel naturalidade me estendeu a mão, agradecendo á sua amiga ter-lhe porporcionado um conhecimento que, dizia, estimar sinceramente.

Soube depois que não lhe era realmente estranho. A sua amiga, a quem me prendiam antigas e intimas relações de familia, tinha-lhe por mais d'uma vez fallado a meu respeito, julgando-me por fórma, que difficil me seria justificar a impressão que no animo de Margarida deviam ter feito as suas palavras.

Estavamos no campo, onde as relações ganham mais depressa intimidade. Passados poucos dias depois do primeiro em que a vi, conhecia os mais importantes segredos da vida de Margarida. As suas palavras de compassiva consolação, para uma desgraça que pouco antes me havia ferido, mostraram-me tambem, que lhe tinham contado os motivos que me haviam feito abandonar a sociedade, para ir procurar na solidão do campo um lenitivo ás dores d'um desengano tanto mais cruel, quanto menos esperado.

O que soube da vida de Margarida completava a sua natureza. Fadou Deus as flores para embalsamarem o ar com os seus aromas; creou as aves para soltarem nas selvas os hymnos de incomparavel melodia; deu ao sol o calor que aquece e illumina toda a natureza; inundou a atmosphera de luz, de aromas, de suavidade; e no coração da mulher, do ente privilegiado da creação, lançou o amor, a chamma vivificante, o perfume suavissimo, a harmonia mais encantada de todas que os anjos soltam nas suas harpas divinas. Margarida não renegava os dons que havia recebido do ceo. Amava. Deixára tomar o coração pelo affecto puro e extremoso d'um homem a quem poucos se podiam egualar pelos dotes da intelligencia, e pelos dotes, ainda mais raros, do coração.

Como aquelle amor foi para elle a morte, parecendo antes que seria a felicidade suprema, custa a acreditar, sem se experimentar a mais completa e cruel illusão.

Não anticipemos, porém, os factos. É sempre cedo para ver cair o idolo que a nossa imaginação tinha collocado sobre um alto pedestal de gloria.

E quem não dirá que Margarida seja a joia da creação? Como é puro e desinteressado o seu amor! Nasceu-lhe no coração com o primeiro alvor da juventude, desenvolveu-se-lhe com os annos, fortificou-se com as saudades da ausencia. Que maiores provações póde passar?

Oh! como lhe devia ser cruel a hora da separação! Ia deixar de ver o homem que desde pequena distinguira entre todos; não ouviria tão cedo a voz do amigo da infancia, que, a pouco e pouco, se tornára no escolhido do seu coração.

E Margarida era para aquelle homem a unica esperança de toda a sua vida; era a estrella que o guiava por entre os mais medonhos precipicios, onde a sua coragem teria muitas vezes vacillado, onde a fé já de certo o teria desamparado, senão fosse o seu amor, que lhe dava o animo d'um heroe, e a fé inhabalavel d'um martyr.

O homem que Margarida amava era um artista. Deu-lhe Deus a coroa d'espinhos do genio, que a gloria algumas vezes torna de flores, mas que a desgraça quasi sempre faz amaldiçoar. No verdor dos annos sentira elle accender-se-lhe no coração a chamma, que é uma inspiração divina, quando o futuro converte em realidade todos os sonhos, que vem dourar a phantasia que percorre em livres vôos as encantadoras regiões da arte. O tempo fortificou-lhe depois a vocação, e o estudo legitimou-lhe as mais lisongeiras esperanças. Nascêra fadado para o culto da arte, e tornou-se, pelo accordo de todas as suas faculdades, um dos seus mais predilectos filhos. Se a morte o não tivesse ferido em tão prematura idade, se a esperança que o animava não o desamparasse tão cruelmente, o seu nome viveria na posteridade cercado da aureola de gloria, que se perdeu confundindo-se na triste escuridão do tumulo.

O amor da arte, que lhe sorrira no berço, só outro podia egualar. Foi o amor d'uma mulher. O coração do desgraçado, em que o destino lançára todos os thesouros da poesia, sentiu-se com força para aspirar á suprema felicidade, e para unir em uma illusoria esperança todas as alegrias que podem abençoar a vida, as do amor e as da gloria. Brilhante, mas enganadora phantasia, que tem sido o mais cruel martyrio para as almas que por ella se deixam enamorar. Sonho de inexcedivel encanto, que a realidade vem quasi findar com o desengano, annunciando a morte. O destino não se podia mudar; mas antes de se cumprir com toda a crueldade das suas leis, quantos monumentos de indefinivel alegria, de incomparavel ventura, não tinham de conceder o amor de Margarida, e o amor da arte, que o mancebo ligára n'uma mesma e grandiosa aspiração.

Alvaro da Silva se chamava o artista, que de pequeno fôra criado com Margarida, e a quem ella depois concedeu o seu amor. Quem sabe se as feições da criança, com quem tantas vezes brincára, e que eram d'uma rara formosura, não foram para Alvaro a primeira revelação da arte, que lhe deu idéa das esplendidas imagens que a sua phantasia tinha depois de conceber?

Sendo assim, como podia elle separar aquelles dois amores, que um pelo outro se tinham revelado, e que juntamente haviam de crescer, de florir, de morrer em fim?

Alvaro ambicionava a gloria pelo amor de Margarida. Sem este, pouco se lhe importava de a ganhar,

porque nenhumas consolações lhe podia conceder. Na certeza, porém, d'aquelle amor, não havia sacrificio que não fizesse para alcançal-a, realisando assim o duplicado sonho de toda a sua vida. O maior sacrificio de todos já o tinha emprehendido. O que lhe custou a ausencia, quando se viu obrigado a partir para ir estudar em Italia todos os segredos da sua arte, só póde imaginar o coração que já uma vez padeceu soffrimentos eguaes.

Alvaro, porém, partiu. As saudades da separação eram mitigadas pela confiança illimitada do seu amor. De longe, e durante largos dias de isolamento, elle ouvia ainda a voz de Margarida, sentia-lhe as mãos entre as suas, como tantas vezes as tivera, beijava-lh'as com respeitosa amizade, com a terna amizade de irmão, e vivia assim, feliz ainda, só com a lembrança, que não tinha para elle os *acerbos espinhos* da saudade, de que o futuro lhe guardava a realisação de todos os seus sonhos.

E ella, a deusa d'aquelle culto, como correspondia a tão santa adoração?

Era impossivel ser mais digna de a merecer. Durante a ausencia do amante, Margarida não revelára um momento sequer, que a sua lembrança tivesse deixado de a acompanhar, ou fosse no meio dos divertimentos onde a condescendencia a levava, ou nas horas de intimo pensar, em que a saudade lhe fazia sentir toda a força no seu amor. Ás vezes, no meio das distracções que lhe preoccupavam o animo, quando a alegria parecia animar-lhe a conversação viva e espirituosa, em um instante, como tomada de subita lembrança, o rosto se lhe anuveava, o sorriso apagava-se-lhe nos labios, e os olhos, humedecidos pelas lagrimas, pareciam concentrar-se todos no sanctuario onde a saudade lhe encerrava a imagem do amante. O coração em taes momentos devia comprimir-se-lhe dolorosamente.

Lembro-me ainda d'uma noite em que me encontrei com Margarida, n'uma pequena reunião de familias que todas as semanas havia no sitio que habitavamos. Estava n'essa noite formosa como sempre. Vestia um simples roupão de cassa branca, que dava realce á sua figura esbelta e airosa. Os cabellos, meio soltos, prendiam-se-lhe em longas madeixas, e por unico enfeite tinha um ramo de flor de larangeira, colhido de tarde no pommar, e rescendendo ainda suavissimos aromas. O rosto, mais pallido que do costume, denunciava uma negra tristeza. Fazia compaixão vêl-a assim, toda vestida de branco, adivinhando-se-lhe o lucto do coração.

Instada para cantar, Margarida negou-se a principio, e só depois cedeu. Sentada ao piano, um momento se conservou indecisa, tendo suspensa a attenção com que sempre era ouvida e admirada. Invocava a inspiração, pedindo-lhe um canto de tristeza que traduzisse o estado da sua alma. Os dedos correram-lhe sobre o teclado, e a voz soltou-se-lhe em fim. Era uma harmonia toda nova. As notas suavissimas e d'uma tristeza infinda pareciam arrancadas ao coração, e choravam de dor. Era o hymno da saudade, inspirado pela paixão.

O pranto inundava-lhe as faces. A dor soltava-se primeiro nas notas harmoniosas de um canto inspirado, para depois se revelar nas lagrimas que corriam livres e abundantes. Ser-lhe-hia consolação aquelle desafogo?

Momentos depois, Margarida, pelo braço da sua amiga predilecta, saía da sala para o jardim, onde se demorou algum tempo. Voltando de novo, uma rapida transformação se deixava presentir em todo o seu ser. Parecia que a brisa da noite lhe havia soltado dos hombros o véo de tristeza que a envolvia.

Aproximando-me a Margarida, dei-lhe os parabens da mudança. Agradeceu-me, sorrindo e apertando-me cordialmente a mão. Depois, apontando-me para a amiga, a cujo braço se apoiava, disse-me com ar de malicioso mysterio:

— Junte a sua voz á minha, para agradecer a quem fez o milagre.

Percebi o motivo das suas penas. A amiga de Margarida era tambem a confidente dos seus segredos, e por intermedio de quem recebia as cartas de Alvaro. A supposição confirmou-se depois. A nossa amizade tinha adquirido toda a intimidade. Margarida não me escondia nenhum dos seus segredos. N'aquelle momento, sentindo a felicidade que não podia disfarçar, tirou do seio uma carta, e deu-m'a para ler. Recusei ao principio; mas ella instou, dizendo-me:

— Leia. Quero que todos os meus amigos participem da minha alegria.

Estavamos em um gabinete afastado da sala principal. Abri a carta, e li. Era de Alvaro. O que a paixão tem de mais puro e elevado, de grandioso e sublime, se revelava na sincera linguagem do artista, que agradecia a Deus o amor do anjo que mandára em seu auxilio na triste peregrinação da vida. Nem uma sombra de desconfiança, nem um momento de duvida; a sua crença era illimitada como o seu amor. A ausencia augmentava-lhe a paixão, mas não lhe atormentava o espirito. Só as almas virgens ainda das amargas dores do desengano sabem sentir assim.

O seu amor brilha n'um dia onde não ha nuvens, nem tempestades. É a ventura suprema. Alvaro sentia d'aquella fórma. Eram tudo flores na sua vida, e era ainda entre ellas, que a saudade se entrelaçava.

Não pude esconder a sentida commoção que me causava a leitura d'aquella carta; e entregando-a a Margarida, só tive animo para lhe dizer:

— Ame-o muito; porque é digno do seu amor.

Entrando de novo na sala, Margarida foi sentar-se ao piano. A carta que acabava de receber tinha operado a transformação que todos notavam, sem conseguirem explicar. O seu canto já não dizia tristeza. Os olhos brilhavam-lhe com todo o fulgor de uma completa alegria. A voz soltava-se-lhe serena e pura, como se entoasse um hymno de graças. A inspiração mostrava-se-lhe risonha e florida. Era a esperança que a animava.

Depois d'aquella noite, poucas vezes tornei a ver Margarida. Obrigado a voltar para a cidade, dias depois, ao despedir-me d'ella, fazia os mais sinceros votos pela sua felicidade. Ella acceitou-os como de um amigo que a estimava verdadeiramente, e que mais ainda a respeitava pelos dotes elevados do seu caracter, e pela pureza inexcedivel do seu coração.

FONTENELLE.

(Continúa).

— O segredo da arte de prolongar a vida consiste em não a abreviar.

— Escutar sempre, pensar sempre, aprender sempre, eis para o que nós vivemos verdadeiramente. Aquelle que a nada aspira, que nada aprende, não é digno de viver.

— Todo o homem deve occupar-se sempre em trabalho accommodado á sua aptidão, e que exija o concurso de todas as suas forças; pois a vida consiste, sobre tudo, n'uma tensão mais ou menos energica. O relaxamento é a enfermidade, é a morte.

— Passiva, a alma abate-se; activa, eleva-se; elevar-se é viver.

— A paciencia é o apoio da fraqueza; a impaciencia é a ruina da força.

(Hygiene da alma).

A CAÇADA DA COBRA, POR CUMMING.

Em quanto eu examinava o rasto da caça ao pé d'uma fonte, percebi uma grande cobra de rocha (rock snake) que se escoava por entre uns rochedos que estavam ao meu lado. Era uma cobra enorme; mas, como era pouco experiente n'esta especie de caça, não sabia o que havia de fazer para a apanhar.

Desejando conservar-lhe inteira a sua pelle, não quiz aproveitar-me do meu *rifle*; cortei um páo forte e grosso com oito pés de comprido, e desembaraçando-me dos meus apparelhos de caça comecei o ataque.

Pegando-lhe pelo rabo tentei tiral-a do sitio para onde se tinha refugiado, mas trabalhei debalde; ella só se segurava com grande firmeza, e não consegui fazel-a morrer. Depois cingi-a com uma tira de couro, e, ajudado por Kleinboy, puxámos com toda a força.

A cobra, vendo que nos não podia resistir, virou a cabeça para a frente, e saltou repentinamente para fóra com a sua immensa e medonha bocca aberta, e primeiro que eu me podesse retirar, estava de todo fóra do seu escondrijo, e dando segundo pulo apresentou os seus terriveis dentes a pouca distancia da minha perna nua. Afastei-me do seu caminho, e pegando no páo que cortára comecei de novo o ataque. A cobra fugia agora com toda a pressa e encaminhava-se para uns fragmentos de rochedo, aonde ficaria de todo fóra do meu alcance; mas, primeiro que ella podesse chegar a este porto de salvamento, dei-lhe



A caçada da cobra, por Cumming. — Gravura de Coelho.

tres pancadas na cabeça. Continuou no mesmo caminho, e já tinha chegado a um lameiro, que atravessava com toda a rapidez, quando lhe dei outro golpe com tal violencia, que foi obrigada a parar. Pendurámol-a ao ramo d'uma arvore, e passado um quarto de hora parecia estar morta; mas ainda nos deu muito incommodo em quanto lhe tirámos a pelle, estorcendo-se de todas as maneiras. A cobra tinha quatorze pés de comprimento.

OS CESARES E OS BUONAPARTES.

Por serem ainda ineditas em Portugal a Paraphrase dos *Amores* de Ovidio, pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho, e a *Grinalda Ovidiana*, collecção de curiosissimas notas áquella obra pelo sr. José Feliciano de Castilho, colhemos da biographia do poeta romano, por onde a Grinalda principia, o seguinte parallelo historico de duas familias imperiaes. É um brinco? é um estudo? estudo ou brinco é notavelmente engenhoso. O parallelo não se acha ainda terminado, porque a vida de um dos comparados ainda progride; mais tarde se dirá até onde chegaram as analogias.

Diz, pois, o sr. José Feliciano de Castilho:

Não raro se reproduzem, na historia, successos taes, tão similhantes em origens, em desenvolvimentos, em circunstancias, que essa paridade impressiona a mente. Parece-nos que um parallelo fiel revelará grande numero de conformidades entre os Cesares e os Napoleões!

Numerosas coincidencias historicas serviram, no passado, para justificar a eschola de Pythagoras; apontou-se, por exemplo, a singularidade de haver nascido o poeta das *Georgicas*, no momento em que expirava o cantor da *Natureza;* d'onde se originou a poetica phantasia de que Virgilio era a alma de Lucrecio, predestinada a produzir n'outro corpo analogas obras-primas. Tambem o nosso Ovidio nasceu no anno em que Cicero era assassinado. Se hoje houvesse pythagoricos, bradariam que as almas de Cesar e seu sobrinho Augusto são, remoçadas, as de Napoleão e seu sobrinho Luiz. Eis-aqui, fixando-nos em tal confrontação, algumas espantosas allianças:

CESAR.

General romano, nascido na mediania de uma familia equestre (a despeito das lisonjas que lhe pertenderam remontar a deuses a ascendencia) viu a luz em Roma, a maior nação do seu tempo, e foi dado ao mundo quando, dos cidadãos romanos, uns não querendo rival, outros não querendo superior, a anarchia demagogica parecia prestes a dissolver a sociedade romana, e por ella a assolar o universo.

Proscripto, na sua mocidade, por Sylla, foi por talentos e armas que se elevou.

Convindo-lhe annullar e absorver a força do senado, fez, contra vontade d'elle, passar a lei agraria.

Ascendeu á dictadura pelo triumvirato, com Pompeo e Crasso, usando já ahi do poder absoluto; e seguindo-se a dictadura vitalicia.

Deveu principalmente a sua elevação ao exercito, que elle conduziu sempre á victoria, mais podendo esse denominar-se exercito de Cesar que da republica.

Na Bretanha, vista em perigo a batalha, arremessam-se as bandeiras romanas ao meio do inimigo e brada-se á tropa: «Deixareis vós caír vosso estandarte nas mãos do inimigo?»

Injustamente maltratado pelos poderes supremos, regressa, de longes terras, atravessando o Rubicon, a Roma.

Transportou-se, pelo meio dos inimigos, sósinho, na barca famosa, que levava Cesar e a sua fortuna.

Em tres dias desthronou o rei do Ponto, exclamando: «Cheguei, vi, venci!»

No meio de suas grandes occupações, diz Cicero, achou tempo para compor uma obra excellente sobre a arte de escrever!

Amando os objectos de arte, apoderou-se, na Gallia, dos que se encerravam nas capellas particulares e nos templos dos deuses, cheios de ricas offerendas.

Repudiou sua primeira mulher, Cossutia, para effectuar um segundo casamento, por calculo de ambição.

Foi morto, violentamente, por inimigos, e entre elles Cassio e Bruto, a quem havia enchido de beneficios.

Apesar de assassinado, o seu corpo foi transportado, com insolita pompa, para um templo especial.

A apparição de um cometa célebre coincidiu com a morte de Cesar.

— Entre as qualidades e dotes do seu corpo e espirito, avantajam-se as seguintes:

Pallida a tez, tinha olhos vivos, negros e fulminantes; era sobrio; temperamento robusto; supportando a fadiga, além dos limites humanos.

Transpunha as maiores distancias com incrivel celeridade, escoteiro, em um carro de aluguer, voando até cem milhas por dia.

Não reconhecia auctoridade senão a do seu genio.

Ambicioso, destemido, amante das batalhas, foi um dos mais famosos guerreiros do mundo.

Usava proclamar aos soldados, sendo a isso que devia a *vim Cæsaris*.

Como triumphador, foi clemente, perdoando aos vencidos.

Cicero diz d'elle: *Horribilis diligentiâ, monstrum activitatis*.

Quando as circunstancias, por si mesmas, o não vinham favorecer, creava-as elle.

Grande estadista.

Excellente orador.

Escriptor elegante, distinguindo-se pelo vigor e laconismo.

Diz D. Hinard: «Le mot célèbre: *Le style est*

NAPOLEÃO.

General francez, nascido na mediania de uma familia fidalga (a despeito das lisonjas, que lhe pertenderam entroncar a ascendencia em testas coroadas) viu a luz em França, a maior nação do seu tempo, e foi dado ao mundo quando, dos cidadãos francezes, uns não querendo rival, outros não querendo superior, a anarchia demagogica parecia prestes a dissolver a sociedade franceza, e por ella a assolar o universo.

Banido do paiz, na sua mocidade, por Paoli, foi por talentos e armas que se elevou.

Convindo-lhe annullar e absorver a força do directorio, fez contra elle o 18 brumario.

Ascendeu ao imperio pelo triumvirato, com os consules Cambacérès e Lebrun, usando já ahi do poder absoluto; e seguindo-se o consulado vitalicio.

Deveu principalmente a sua elevação ao exercito, que elle conduziu sempre á victoria, mais podendo esse denominar-se exercito de Napoleão que da republica.

No reino Lombardo-veneziano, vendo Napoleão em perigo a batalha (se Ragusa erra), arremessa-se á ponte de Arcola, com a bandeira na mão, sendo logo seguido pelas tropas, e decidindo a victoria.

Injustamente maltratado pelo desacreditado directorio, regressa, de longes terras, atravez de mil difficuldades, a Paris.

Transportou-se, pelo meio dos inimigos, sósinho, n'uma barca, que ahi levava Napoleão e sua fortuna.

Atacando directamente as capitaes, em poucos dias abalava todos os thronos.

Do bivaque de Moscou achou tempo e placidez para compor um regulamento para o theatro francez!

Amando os objectos de arte, transportava, das terras vencidas, a Paris, pedras preciosas, esculpturas, estatuas e quadros valiosos.

Repudiou sua primeira mulher, Josephina, para effectuar um segundo casamento, por calculo de ambição.

Foi morto, a fogo lento, por inimigos, especialmente pelos inglezes, os mesmos a quem, no navio inglez Bellerophonte, fôra pedir hospitalidade.

Apesar de preso e assassinado, o seu corpo foi transportado, com insolita pompa, para o templo dos Invalidos.

A apparição de um cometa célebre coincidira com o nascimento de Napoleão.

— Entre as qualidades e dotes do seu corpo e espirito, avantajam-se as seguintes:

Pallida a tez, tinha olhos vivos, negros e fulminantes; era sobrio; temperamento robusto; supportando a fadiga, além dos limites humanos.

Transpunha as maiores distancias com incrivel celeridade, como muitas vezes aconteceu, especialmente no regresso de Moscou.

Não reconhecia auctoridade senão a do seu genio.

Ambicioso, destemido, amante das batalhas, foi um dos mais famosos guerreiros do mundo.

Usava proclamar aos soldados, sendo a isso que devia parte da sua fascinação.

Napoleão se descobria em presença dos vencidos, exclamando: Honra ao valor infeliz!

Thiers diz d'elle: *Veloz na resolução, e na execução instantaneo.*

Quando as circunstancias, por si mesmas, o não vinham favorecer, creava-as elle.

Grande estadista.

Excellente orador.

Escriptor elegante, distinguindo-se pelo vigor e laconismo.

Diz D. Hinard: «Le mot célèbre: *Le style est*

l'homme, s'applique à merveille à César et à Napoléon. Le style de César, c'est César lui-même; le style de Napoléon, c'est Napoléon lui-même. Napoléon tout entier.... Le style de César annonce le chef d'un empire puissant, mais qui a vieilli et qui marche à sa décadence; et le style de Napoléon le représentant d'une société qui se renouvelle et se régénère. »

Mathematico profundo.

Capaz de concentrar assombrosamente a attenção.

Dizendo, com Euripides, que a justiça deve observar-se em tudo... excepto quando se trata de ganhar um reino.

Preferindo o logar de primeiro n'uma aldeia ao de segundo em Roma.

Usando a locução: « A minha fortuna, a fortuna de Cesar. »

Entrou no seu systema politico:

— Escorar-se no principio republicano, em quanto se não consolidou no poder.

l'homme, s'applique à merveille à César et à Napoléon. Le style de César, c'est César lui-même; le style de Napoléon, c'est Napoléon lui-même, Napoléon tout entier.... Le style de César annonce le chef d'un empire puissant, mais qui a vieilli et qui marche à sa décadence; et le style de Napoléon le représentant d'une société qui se renouvelle et se régénère. »

Mathematico profundo.

Capaz de concentrar assombrosamente a attenção.

Protegendo em tudo a justiça, menos nos casos de Pio VII, duque d'Enghien e outros, quando se tractava de segurar a corôa.

Preferindo o logar de primeiro n'uma aldeia ao de segundo em Paris.

Usando a locução: « A minha estrella, a estrella de Napoleão. »

Entrou no seu systema politico:

— Escorar-se no principio republicano, em quanto se não consolidou no poder. *(Continúa)*.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

IV.

O MATRIMONIO.

II.

Apenas ha sciencia abstracta, que não destine ao matrimonio um capitulo importante.

A moral estuda o sacramento.

A jurisprudencia estuda o contrato.

A economia politica estuda as consequencias.

A litteratura estuda-o completo.

E, todavia, o matrimonio constitue por si só uma sciencia mais difficil que todas as mencionadas.

« Quem em casar acerta, em nada erra, » diz um proverbio castelhano. Este proverbio contém uma grande verdade.

Não nos propomos fazer leis sobre a eleição da mulher; se nos julgassemos com auctoridade bastante, fal-as-hiamos para a eleição de marido.

A mulher encontra-se, não se busca.

Pergunta separada: O estado de casado é preferivel ao de solteiro?

Resposta cathegorica:

« Não é bom que o homem esteja só, disse Deus no principio do mundo; dar-lhe-hei uma companheira. »

E se não era bom que estivesse só no meio de um paraiso de delicias, á vista e contemplação da virgem natureza, rica de galas e esplendente de formosura, — como havia de sel-o depois, quando ao estado de graça succederam as paixões e as fraquezas, e ao amenissimo jardim, aonde crescia a arvore da immortalidade, substituiu o arcento deserto da vida?

Felizes vós os que, ao cruzar esse deserto, tendes aspirado o perfume de uma rosa, ou tendes visto brotar uma fonte cristallina, ou tendes ouvido, em fim, o echo murmurejante do zephyro que agita a rosa na haste, e esparje as gotas de agua, aonde se reflectem os raios do sol, como uma chuva celeste de rubis e esmeraldas!

Felizes vós os que, em meio de vossa peregrinação aspirasteis o ambiente de pureza de uma mulher sensivel e apaixonada, e visteis rolar pelas faces uma lagrima de ternura, perola caída do thesouro do amor; e ouvisteis o primeiro suspiro de casto enlevo, echo venturoso que só cede em doçura e harmonia aos cantos angelicos que vagam pelas mansões da gloria! Felizes vós, uma e outra vez!

A vossa felicidade não a comprehendem as almas vulgares, adormecidas para todo o sentimento nobre, despertas só ao som do metal.

A vossa felicidade não a comprehende essa mocidade de gelo, que aprende a contar antes que a ler; essa mocidade que nasce velha, que ignora a sciencia santa do coração, e despreza a da cabeça. Miseravel juventude! Minguados espiritos sem fé e sem illusões!

E, comtudo, desattende-se a educação da mulher, e deixam-n'a de certo no risco de precipitar-se, de lavrar o seu infortunio para sempre!

De cada cem mulheres que se casam, noventa e seis não conhecem o homem a quem dão a mão, a quem se unem com vinculo indissoluvel.

E é natural; d'essas noventa e seis, grande parte muda de estado n'uma edade em que, como diz um auctor allemão, ha mais sentimento no seu coração, do que luz no seu entendimento; e o resto une-se em hora mais ou menos feliz a um homem *acceitado*, porém não a um esposo *escolhido*.

Não queremos fallar dos matrimonios de familia; d'essas absurdas combinações que imagina a usura, favorece o orgulho, e leva a cabo o espirito diabolico da vaidade.

Esses sacrificios impostos seriam a caricatura do amor e do matrimonio, se não trouxessem apoz de si caudaes de pranto e longas series de penas e conflictos.

A comedia d'um amor forçado termina com a tragedia d'um matrimonio infeliz.

Diz-se que entre a gente mais abjecta d'algumas localidades se ajustam as bodas, e ainda se desavem por um de mais ou por um de menos na operação arithmetica que se chama contrato matrimonial. Se é certo que existem simillhantes uniões, serão antes uma sociedade mercantil, do que um santo consorcio, base do edificio social.

Não fallemos tão pouco d'esses matrimonios ridiculamente desiguaes, em que, ao lado de um tronco velho e carcomido se planta uma açucena esvelta e vigorosa; não fallemos d'elles por decencia; são de ordinario o testimunho mais repugnante que póde offerecer uma sociedade corrompida e sem crenças.

Nos matrimonios que á primeira vista apparecem como mais regulares e convenientes, fica todavia muito para desejar: já o consignámos n'outro paragrapho: de cada cem mulheres que se casam, noventa e seis não conhecem o homem a quem dão a sua mão, ao qual se unem com vinculo indissoluvel. Quem é capaz de conhecer um homem?...

Que mulher ha tão habil que, por seu proprio instincto, unico recurso com que conta, distinga o carinho do interesse, a ficção da verdade, a hypocrisia, em fim, da virtude?

Ella que, se é nobre e generosa, anhela só provas de amor; ella, que tem sempre um thesouro de ternura para corresponder a uma phrase de benevolencia; aonde aprendeu a aferir a sinceridade das palavras que lhe dirigem? Quem lhe ensinou a separar em amores o falso do verdadeiro?

Triste prova de astucia a do homem que engana uma mulher! Horrivel negocio o do tacanho que chega aos altares só para negociar!

Quem disse ao homem, se o homem é honrado, que váe ser d'elle a fortuna de sua mulher?

Quem tem podido juntar com a idéa de matrimonio a idéa de venda da liberdade, a idéa de bastarda especulação?

Felizes os pobres, cujos amores e cujos enlaces procedem sempre dos impulsos do coração! Esses amores são os que mais se parecem aos das aves do campo, aos amores puros e singelos da prodiga natureza.

A historia do matrimonio é a historia da mulher, e uma e outra constituem a historia dos progressos da humanidade.

Na remota civilisação do antigo oriente, a mulher offerece os caracteres da mais humilhante dependencia; a polygamia domina por toda a parte. Na culta Roma a mulher descende, no thermometro da personalidade, até zero, e ainda mais abaixo de zero.

A doutrina celestial do Salvador do mundo devolveu á mulher os seus direitos; fez da escrava companheira, sanccionou a união com o homem de uma maneira solemne, e lançou os cimentos á nova sociedade, que se elevou robusta sobre as ruinas da sociedade antiga.

A historia do matrimonio e da mulher formam a historia dos verdadeiros progressos da humanidade; que é como se dissessemos: acompanham passo a passo a historia do christianismo.

Nada ha, pois, mais distante do espirito d'essa doutrina sobrehumana, que os sacrificios impostos, e as torpes vistas da sensualidade, da ambição ou avareza.

O esposo e a esposa entre os christãos, diz o grande Chateaubriand, vivem, morrem, e renascem conjunctamente; criam juntos os fructos queridos da sua união; juntos se reduzem ao primitivo pó, e unidos tornam a achar-se, em fim, mais além dos limites do sepulchro.

Todos os povos da terra rodearam o casamento de solemnidades mais ou menos faustosas, de ceremonias mais ou menos imponentes. A simplicidade christã contrasta de maneira admiravel com a prolixidade das formulas gentilicas e pagãs, que mais fallavam aos sentidos, do que ao espirito, que mais se referiam á vida material, do que á existencia intima dos dois entes que se uniam.

Uma demonstração sensivel de mutua adhesão e algumas palavras do sacerdote produzem entre nós o vinculo que só a morte é capaz de dissolver.

Os nossos augures são a benção do ceo. O nosso epithalamio o louvor de Maria, mãe dos castos amores.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

JOGO DO CORREIO.

Este divertimento é novo; propomol-o para fazer passar uma hora d'aquellas que a inacção e o tedio tantas vezes consomem nas pequenas sociedades, advertindo todavia, que se em todas as relações de convivencia, a circumspecção, a delicadeza e o bom gosto são de rigoroso dever, muito mais ainda se devem essas qualidades manter com escrupulo em um jogo em que as expresões inconsideradas, ou indiscretas, em que as allusões offensivas tomam corpo pela escripta e se tornam susceptiveis de repetição e commentarios. Guardadas as cautelas que a educação prescreve e que o mero instincto de sociabilidade ensina, o jogo do correio póde tornar-se um recreio util, além de agradavel, pois é uma eschola pratica da arte de escrever epistolarmente, arte tão necessaria a todos, e por tão poucos possuida.

Colloca-se na mesa uma caixa como as do correio, com a sua abertura para a introducção das cartas, e para este correio se nomeia dos circunstantes um administrador, ou uma administradora: cada um dos presentes escreve a uma das pessoas da companhia, ou mesmo a mais de uma, se lhe agrada; assigna, fecha, e lança no correio. A circunstancia de assignar é tão necessaria, que toda a carta que apparecer sem assignatura deverá ser queimada antes de lida; o anonymo é villania tão odiosa, que nem brincando se deve admittir. O administrador, ou administradora, abrindo a caixa, distribue sobre a mesa, alfabeticamente, a correspondencia, e váe entregando a cada pessoa a carta ou cartas que lhe pertencem, e recebendo por cada carta 5 rs., 10 rs., ou o preço que á pluralidade de votos se houver préviamente estipulado. Cada um lê então em voz alta a missiva que lhe tocou, ou pede a outrem que a leia, se por conter, supponhâmos, comprimentos ou elogios, a sua modestia lhe não permitte fazel-o. Terminada toda a leitura, excepto as anonymas que, como já dissemos, serão sem misericordia reduzidas a cinzas, votar-se-ha, em escrutinio secreto, qual das cartas merece a preferencia, e o auctor, ou auctora d'essa, receberá de premio a somma que se achar na caixa do administrador ou administradora do correio.

ENIGMA.



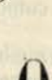


Lamartine, Milton, Byron,

Quintana, Béranger, Virgilio,

Zorilla, Dante,

Goete.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 47